

A permanência dos conceitos proppianos na Semiótica greimasiana

Aline Aparecida dos Santos (UNESP – Bauru)

Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado *De Propp a Ricoeur: origens e impasses da semiótica narrativa*, que busca compreender de que modo o nível narrativo, considerado o mais desenvolvido do percurso gerativo de sentido, se desenvolveu e quais são suas limitações. Cronologicamente, podemos afirmar que, no início do percurso da obra greimasiana, existe explicitamente a influência de V. Propp com a assimilação de conceitos e ideias ao longo da obra que é considerada como “discurso fundador” da semiótica francesa: a *Semântica estrutural* (1966). Num segundo momento, ainda temos Greimas remetendo-se diretamente a Propp na obra considerada como a aplicação dos conceitos, lançada dez anos depois: *Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos* (1976). Entretanto, observamos que, ao longo do processo de desenvolvimento da Semiótica de Greimas, ela se afasta da teoria proppiana, uma vez que a sua própria teoria busca ser mais geral e abrangente, principalmente no que diz respeito aos objetos que pretende analisar. Em 1979, Greimas e J. Courtès lançam então o *Dicionário de semiótica*, que contém todos os conceitos relevantes para a teoria. No dicionário, além dos conceitos desenvolvidos, encontramos verbetes que remetem diretamente à Propp. Podemos citar, por exemplo: prova glorificante e herói. É sobre esse ponto que gostaríamos então de propor uma reflexão, já que, ao acompanhar a cronologia das obras greimasianas, percebemos que ele se afasta cada vez mais os elementos considerados específicos ou figurativos, mas mantém os elementos que caracterizariam a narrativa canônica de um tradicional conto russo. O objetivo desta breve reflexão é analisar a permanência dos conceitos proppianos ao longo da obra de Greimas, no que diz respeito ao desenvolvimento da semiótica narrativa.

aline.aaps@gmail.com

Ilusão enunciativa em libras: quando o presente nem sempre é presente

Renata Lúcia Moreira (USP)

O objetivo deste trabalho é investigar os efeitos de sentido de uma ilusão enunciativa, como definida em Greimas & Courtés (2012), criados pelas estratégias discursivas de instauração do tempo em uma narrativa contada em língua de sinais brasileira (libras). Este estudo é feito no âmbito da teoria da enunciação (Benveniste, 1976, e Fiorin, 2002) e da teoria semiótica de linha francesa. Com a análise dessa narrativa, procuro (i) descrever os recursos discursivos da libras utilizados para instaurar a categoria de tempo e estabelecer as relações temporais no interior de seus enunciados, e (ii) mostrar como a forma que o narrador utiliza seu corpo, os gestos e o espaço para organizar a história pode criar uma ilusão de agora, ou seja, pode neutralizar as diferenças entre tempo enunciativo e tempo enuncivo e gerar um efeito de verdade, de que todas as cenas narradas estão no presente. Uma das hipóteses levantadas nesta investigação é a de que o sistema temporal enunciativo instaurado na narrativa analisada é resultado de um efeito de sentido e que seria

uma ilusão enunciativa, ou seja, um efeito de presentificação gerado por uma embreagem e, não, como parece ser, por uma debreagem enunciativa. Nesse caso, o presente que se percebe não seria de fato um presente real. Isso porque as línguas de sinais, como o cinema, por exemplo, contam com mecanismos de enunciação próprios de sua natureza e podem, assim, a seu modo, também criar efeitos ilusórios de proximidade temporal em seus textos.

reka@usp.br

Repressão, Recusa, Rejeição

Tatiana Cristina Ferreira (USP)

Esta apresentação tem o intuito de mostrar alguns avanços da pesquisa sobre as defesas do funcionamento do inconsciente. Ao investigar os efeitos de sentido na semiose do processo de defesa psíquico, embasado na teoria semiótica de linha francesa, verificamos a intensidade e a extensidade marcados no tempo, espaço, foco e apreensão pela soma da linguagem corpo e sujeito. A princípio a análise se pautará nas defesas de repressão (*Verdrängung*), rejeição (*Verwerfung*) e recusa (*Verleugnung*). Segundo Tatit (1997), a linguagem traz sentido na corporeidade, a forma semiótica é da significação múltipla do corpo ao sujeito. É possível assim dizer que as defesas do inconsciente (repressão, rejeição e recusa) vêm no acontecer do ser, à medida que o sujeito e o objeto se fundem, algo se remonta em forma de um novo. Um acontecimento extraordinário, como um trauma psíquico, isto é, uma impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensar associativo ou da reação motora, leva a imperfeições na junção do sujeito com seu objeto, levando aos processos de defesa de repressão, rejeição ou recusa, daquilo que não lhe dá sensação de plenitude, de gozo. Nesse percurso inicial da significação das defesas do inconsciente percebe-se que na relação sujeito e objeto, o processo psíquico das defesas será a soma corpo e sujeito em linguagem marcada na duração e na tonicidade do movimento marcado pelo corpo, no espaço, na relação com o outro ou com o mundo.

tatyferreira@hotmail.com

A semiótica da impressão

Edison Gomes Júnior (USP)

Criador da semiótica da impressão, o semioticista Jacques Fontanille acredita que a mediação entre expressão e conteúdo se dá justamente a partir do corpo. O corpo perceptivo, explicado como a barra que divide significante e significado, é um processador semiótico por excelência, percebendo, processando, emitindo e discriminando, através de signos que produz, propaga e imprime os constantes eventos da realidade. O corpo, manipulado por um sujeito e sua vontade, também age, e existe entre forças voluntárias e involuntárias, preso a uma dinâmica entre ação e inação, constância e mudança, eu e Outro. A partir do corpo enunciado, a teoria da impressão contribui de forma significativa para um novo olhar sobre o texto, dessa vez examinado-o como um campo semiótico de fenômenos captados também por um actante corporificado e figurativizado pelo discurso. A

figurativização de todo personagem ativo e sensível, inserido no tempo e no espaço da ficção, não pode fugir da paixão e nem do corpo. Mas a semiótica da impressão, para se firmar, precisa, também, beber de outras fontes: a psicologia experimental, a fenomenologia, a filosofia da vontade e a filosofia da ação. Pretende-se, imaginando-se o corpo como co-enunciador do texto, e dialogando com a filosofia de Paul Ricoeur, apresentar os três eixos básicos da semiótica da impressão, formulados por Fontanille em dois livros: *Soma et Sema* e *Corps e Sens*. São eles: a dinâmica entre o *moi*, o *soi-idem* e o *soi-ipse*, ou seja, o que move o corpo; a semiótica dos cinco sentidos, ou o aspecto sensível do corpo; e a pele-invólucro, bolsa sensível e protetora que une e da forma ao corpo, servindo também como órgão tátil, e barreira que delimita o interior e o exterior do sujeito.

edigomes2000@uol.com.br